O INCENTIVO À LEITURA DENTRO DAS SALAS DE AULA

TALITA SANTONI MIOTTO

RESUMO
Contudo, a escola e os professores poderão atuar como mediadores e incentivadores de leitura. Muitas vezes, o único referencial de leitura que o aluno conhece é por intermédio do educador e/ou da escola, portanto, a formação do professor é uma condição fundamental para que o país melhore os indicadores de qualidade na área. Quanto mais qualificados os docentes estiverem e mais seguros respondam aos desafios sociais e contemporâneos, maiores as chances de êxito, para isso, o ensino deve ser reestruturado de forma significativa, havendo uma mudança coletiva. São um conjunto de fatores responsáveis por essa mudança, na qual o incentivo da leitura associado ao hábito diário, com estratégias adequadas a fim de promover o prazer de ler, despertando toda sua a sensibilidade, tornando-se o ato de ler mais prazeroso, fazendo com que os próprios alunos busquem suas leituras. De acordo com o mapa conceitual abaixo, o qual traz um apanhado geral sobre os benefícios da leitura e sua prática, pode-se visualizar que tudo está interligado, uma coisa depende da outra para que se alcance o objetivo desejado, mostra uma grande ramificação dos temas propostos e suas possíveis soluções. O espanhol, como o português, nasceu da combinação de línguas já existentes na região da península ibérica. Entre os povos pré-românicos que lá estiveram estão os celtas, bascos, gregos, fenícios, cartagineses, entre muitos outros. Muitos desses povos viveram em regiões diferentes da península na mesma época.
Palavra chaves: Mediadores. Incentivadores. Leitura. Objetivo. Soluções.

ABSTRAT
However, the school and teachers can act as mediators and reading encouragers. Often, the only reading reference that the student knows is through the educator and/or the school, therefore, teacher training is a fundamental condition for the country to improve quality indicators in the area. The more qualified teachers are and the more confident they respond to social and contemporary challenges, the greater the chances of success. To achieve this, teaching must be restructured in a significant way, resulting in collective change. There are a set of factors responsible for this change, in which the encouragement of reading associated with the daily habit, with appropriate strategies to promote the pleasure of reading, awakening all your sensitivity, making the act of reading more pleasurable, making allow students to search for their own readings. According to the conceptual map below, which provides a general overview of the benefits of reading and its practice, it can be seen that everything is interconnected, one thing depends on the other to achieve the desired objective, it shows a great ramification of proposed themes and their possible solutions. Spanish, like Portuguese, was born from the combination of languages already existing in the Iberian peninsula region. Among the pre-Romanesque peoples who were there are the Celts, Basques, Greeks, Phoenicians, Carthaginians, among many others. Many of these people lived in different regions of the peninsula at the same time.
Keywords: Mediators. Encouragers. Reading. Objective. Solutions.

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco abordar sobre o hábito de leitura em nossa sociedade e como vem sendo trabalhado o incentivo à leitura dentro das salas de aula. O grupo escolheu o tema em questão, destacando que nossos alunos mesmo tendo algum gosto pela leitura, escolhem mais literaturas estrangeiras do que propriamente brasileiras. A literatura brasileira vem sendo conhecida apenas como disciplina e muitas escolas focam apenas incentivar o público juvenil a ler, mas não dispõe de material necessário ou talvez até interesse, em despertar a leitura focando livros de escritores brasileiros. Visando trabalhar o assunto com uma faixa etária que só lê o que realmente interessa, destacamos o incentivo a leitura de literatura brasileira para alunos do ensino funda-

mental, onde a tecnologia é prioridade na vida desses adolescentes e trabalhar o hábito de leitura é um desafio para os professores e paras as escolas.

A hipótese que temos sobre a falta de motivação em conhecer esse tipo de literatura, fica por conta do despreparo de muitas escolas em recursos materiais, de professores que também são meros leitores no cumprimento do dever, e por falta de propaganda da nossa sociedade em propor novas metodologias de incentivo à leitura utilizando livros de escritores brasileiros lembrando que somos ricos em todo tipo de temas para atender aos nossos alunos adolescentes.

Os alunos têm tido interesse em conhecer e aprender mais com a literatura brasileira? No decorrer do trabalho, veremos que esse é um dilema dentro de nossa sociedade e como a literatura brasileira tem sido vista como uma leitura maçante e com pouca ou nenhuma procura por nossos alunos. Assim, concluímos com a pergunta: Quais as propostas das escolas ao criarem as salas de leitura? Quando a escola tem a oportunidade de poder oferecer esse tipo de recurso, muitas vezes fica a desejar e o trabalho que poderia ser desenvolvido com muita criatividade e divulgação, torna-se apenas mais um local onde se manuseiam livros, mas sem objetivo algum.

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta, daí a inclusão da Educação Infantil no projeto, desenvolver habilidades e competências relacionadas à leitura, estimulando no educando o gosto pela leitura, ampliando conhecimento linguístico e cultural dos mesmos, contribuindo na formação de princípios e valores para a construção da cidadania.

2. O HÁBITO DA LEITURA

Atualmente, ver alguém lendo um livro seja em um transporte coletivo, ou em um parque, ou em algum momento de descanso, em que a leitura venha a ser a principal terapia e relaxamento, é algo que chama a atenção de muitos. Antes dos atuais recursos tecnológicos de comunicação, televisão, internet, celulares, etc., era comum o hábito da leitura como parte da rotina do homem. Homens e mulheres carregavam livros com os mais variados temas; jornais eram "quase" acessórios dos homens, sempre havia um embaixo do braço.

É possível encontrar no conceito construtivista de ensino a base para a formulação de políticas na área da educação. Entende-se, agora, que as crianças sabem muito mais do que se poderia supor até então e, assim, se evidencia que a alfabetização não é apenas um processo de memorizar.

Para aprender a ler e a escrever "o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem".

Seguramente, a divulgação dessa nova proposta didática vem contribuir para o trabalho de professoras em salas de aula, oferecendo elementos para repensar um ensino, muitas vezes, apenas conteudista e, como ressaltava Freire (2005), ensino baseado em uma "educação bancária", advinda de longo processo desumanizador. Nesse sentido, entendemos os vários avanços a partir do enfoque construtivista, bem como as muitas contribuições de outras áreas, como a psicologia e a linguística, que fora incorporadas na discussão da melhoria da qualidade da educação.

Porém, pensamos que esse debate atual ainda não incorporou elementos concretos na base da transformação da escola, que atenda à diversidade e ofereça um ensino de máxima qualidade para todas as pessoas.

Dessa forma, o reconhecimento desse avanço não nos impede de criticar os limites dessa abordagem conceitual, que vem produzindo grandes equívocos e distorções no papel da educação. Tais equívocos, provenientes tanto da interpretação equivocada do construtivismo quanto da sua (in) consequente aplicação em nosso país, podem ser revelados nas inúmeras pesquisas sobre o fracasso do sistema escolar brasileiro.

Soares (2003) ressalta que tal fracasso pode ser identificado nos altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, denunciando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semialfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização. Podemos constatar estes dados não somente nas avaliações internas à escola, como também nos altos índices de reprova-

ção, repetência, evasão, explícitos nas avaliações como Saresp, Saeb, Enem, PISA, revelando o descaso ao longo de todo o ensino fundamental e médio.

Na nossa sociedade temos visto e convivido com o estabelecimento de leis que trabalham na promoção de uma melhor qualidade da educação, debates nas Universidades, movimentos sociais que reivindicam garantias desses direitos etc., porém ainda há muito a fazer. Acreditamos que a verdadeira melhoria se concretizará quando a escola deixar de ausentar-se do diálogo com as diferentes culturas e começar a incorporar todas as falas e anseios provenientes das diferentes classes e orientações sociais.

Buscando descrever, analisar, interpretar e interferir nesse quadro, pesquisadores nacionais e de outros países foram redefenindo alfabetização, domínio mais elaborado do código escrito, gerando conceitos como o de letramento, amplamente difundido no debate nacional e internacional. Tal conceito já penetrou as políticas públicas e, portanto, tem interferido nas práticas educacionais, pressionando-as ou modificando-as, desde a década de 1990.

Sabemos que na atualidade os termos "analfabetismo" e "iletrismo" surgem na mídia, na literatura acadêmica e nas políticas públicas, referindo-se ao insucesso da escola em garantir a aprendizagem da leitura e da escrita aos que nela ingressam (hoje, a quase totalidade das crianças e jovens). Se o acesso à escola e às práticas escolares de escrita e de leitura quase se universalizou, a garantia da apropriação dos instrumentos ainda não se efetivou para parte significativa da população.

Portanto, formar leitores não é tarefa fácil, mas pode ser trabalhado aos poucos quando há interesse por parte da escola e professores, em despertar no adolescente o prazer pela leitura e ver os livros como uma arte a ser descoberta. Assim, o objetivo é a de incentivar a leitura de livros nacionais, a partir da sala de aula, expondo aos alunos a diversidade de literaturas brasileiras voltadas para a realidade dos adolescentes.

Conceitos e abordagens sobre leitura e literatura brasileira, sobre o hábito de leitura e como atualmente temos um índice muito baixo de leitores assíduos em nosso país, em todas as faixas etárias. Infelizmente ler deve ser um hábito a se adquirir desde pequeno e bom seria se começasse em casa. No entanto, os avanços tecnológicos que facilitam a vida e são muito atrativos, ofuscam outros caminhos de entretenimento, como a leitura.

Segundo Freire (2000), alguns sobre literatura brasileira são expostos e qual a visão que nossos jovens têm a respeito desse tipo de literatura e o porquê de seu desinteresse, algumas sugestões de como incentivar a leitura em sala de aula, e mostrar que existem vários tipos de literaturas brasileiras que podem atender ao gosto de todo tipo de público leitor, em especial o público jovem.

Conforme Freire (2000), quando consideramos a literatura como um modelo de escrita único diferente dos demais modelos de escrita, o significado de letramento proveniente da linguística introduz as especificidades da leitura, torna-se adequado ao entendimento de alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e, consequentemente, seu ensino. Um dos pontos mais fortes no reconhecimento de uma estrutura linguística familiar é o aspecto fonético do idioma, ou seja, a pronúncia, a estrutura da fala, o "jeito de se falar".

O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o ENCONTRO significativo desse leitor se situar concreta e criticamente no ato de ler. É este situa-se (isto é, estar presente com e na mensagem) que garante o caráter libertador do ato de ler.

Desta forma, para esse autor, a prática de ler não está relacionada à leitura de um texto, no sentido tradicional, através da interpretação da linguagem sua perspectiva, essa atividade se manifesta de diversas formas de modo que, mesmo antes de uma criança se alfabetizar ela já lê o mundo que a cerca, destaca que a participação dos pais no processo de formação do leitor é de suma importância, referindo-se a sua própria experiência ao relatar que foram seus pais que o inseriram no mundo da leitura, porém, ao chegar na escola, a educadora deu continuidade ao processo, relacionando a leitura de mundo com a das palavras. Mostrando como é fundamental o papel do professor

nesse processo e a forma deste se posicionar perante o aluno, Freire diz que o posicionamento do educador/professor deve ser dinâmico no conhecimento dos seus alunos, deixando-os participar das atividades, tendo uma relação de troca e não os tornando somente memorizadores. A leitura, para Freire é constituída sempre de percepção crítica, interpretação e reescrita do lido.

A pesquisa realizada por Nunes et al (2012), tem o intuito de mostrar a importância do incentivo à leitura através de uma turma de educação infantil na Escola Walt Disney, por intermédio dos olhares dos educadores da instituição. Para isso foram utilizados questionários e revisão da literatura. Os resultados confirmaram a importância da participação das famílias e do professor nesse processo de formação do futuro leitor, revelando que a leitura contribui significativamente para o desenvolvimento de vários aspectos na criança, como por exemplo, a imaginação.

O professor é um "grande agente de transformação da criança num ser mais aberto para o fantástico e o faz de conta, tão importante para o desenvolvimento cognitivo do aluno". Desta forma, a prática adotada pelos professores ganha especial importância na medida em que seu papel vai além de uma simples mediação. O professor deve estimular as crianças, possibilitando o acesso aos mais diferenciados tipos de textos, lendo para elas com entonação adequada e escolhendo a literatura compatível com a faixa etária dos alunos. Para fazer brotar esse interesse pela leitura nas crianças é preciso incentivos que venham da família e da escola, de modo que a criança se sinta motivada para a realização desta atividade. A leitura oferecida pelas duas instituições socializadoras primárias - família e escola - deve ser praticada de forma prazerosa para a criança, fazendo sentido para a mesma pela relação estabelecida entre o texto e o mundo infantil. Além disso, o hábito da leitura favorece o desenvolvimento da criança em diversos aspectos relacionados com o ensino e a aprendizagem, tais como o senso crítico, a ampliação da capacidade de criação/imaginação e de conhecimentos gerais.

A introdução da criança no mundo da leitura deve acontecer mesmo antes de ser iniciado o processo de alfabetização, através de estratégias de leituras estimulantes e criativas, realizadas pelos professores e pela família. Por isso, a família exerce um papel crucial, pois a criança pode ser estimulada e incentivada a ler desde o nascimento e ao longo de toda sua infância. Ao ingressar na escola, cabe aos professores dar continuidade ao trabalho de valorização da leitura, mais importante do que ensinar vogais e alfabetos nas séries iniciais do ensino fundamental, seria apresentar aos alunos o contato com a língua escrita com diferentes tipos de linguagens, pois é a partir daí que eles aumentarão sua compreensão, poderão fazer múltiplas leituras do mundo que os cerca.

É preciso entender que gostar de ler não é um dom, mas um hábito que se adquire.... Investir em pequenos leitores é uma das muitas maneiras de semear futuros leitores assíduos, abordam como é importante o hábito da leitura para o desenvolvimento de diversas habilidades na criança e reforçam o fato de que as crianças precisam ser trabalhadas desde muito cedo para serem inseridas nessa prática, para ambos os autores, a família e a escola desempenham um papel de suma importância no desenvolvimento do hábito da leitura das crianças. relatam que a família deve ser a primeira a estimular e incentivar a leitura, pois o gosto pela mesma começa a ser formado ainda no ventre da mãe, cabendo a ela a responsabilidade de desenvolver a inteligência da criança nos primeiros anos de vida.

Contudo, dados recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) revelam que, no Brasil, o número de pessoas analfabetas é expressivo, mostrando que muitas pessoas ainda não desenvolveram a capacidade de leitura, as cartas manuscritas eram verdadeiras aliadas das pessoas. Podiam conter segredos, notícias alegres ou tristes, confissões, revelações proibidas e mistérios mal resolvidos, enfim, a leitura era verdadeiramente uma fonte de sabedoria, acrescentando conhecimentos, despertando o senso crítico, desenvolvendo o aprendizado e enriquecendo a cultura de cada pessoa, além de alimentar o prazer por um livro.

Mas, os tempos mudaram e consequentemente o hábito da leitura. E muitos se per-

guntam: Para quê preciso ler? Qual a importância da leitura na nossa vida? Sabemos que existem várias respostas para essas indagações, e muitos escritores definiriam a importância da leitura, cada qual a seu modo. No entanto, há de concordarmos que através dos livros, descobrimos e aprendemos culturas, histórias e hábitos diferentes, e compreendemos a realidade, as ideias, vivências, sonhos, etc (BRASIL, 1996).

Para Ruiz (2002, p.35), é mister, primeiramente, frisar que a leitura é muitíssimo importante, pois amplia e integra conhecimentos, abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência.

Deve haver na escrita sempre um sentido para quem a lê, para que não se torne apenas uma decodificação de signos, de símbolos. A leitura deve ser muito mais do que o simples fato de se saber ler. Através dela há uma interação das pessoas com o mundo e entre si (ABAURRE, 2005).

Segundo Silva (1991), a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Assim, ela não se restringe ao simples fato de decodificar esses signos, mas exige do leitor essa capacidade de interagir com o mundo.

No cotidiano das famílias vemos que o incentivo à leitura nem sempre acontece, pois, muitas mães não sabem ler, enquanto outras trabalham o dia todo para sustentar seus filhos, tendo pouco tempo para esse contado direto com a criança. Mesmo para as mães que reconhecem a importância da leitura, nem sempre há meios para realizá-la em casa. Famílias transferem a responsabilidade pela formação do gosto pela leitura para a escola, acreditando que esta instituição terá melhores condições de atender a seus filhos. Muitas crianças ao ingressarem na escola não desenvolveram ainda o interesse para leitura, esperados para sua idade e ao longo dos primeiros anos de escolarização continuam se mostrando pouco receptivas à leitura.

Dados apresentados pela Unesco sobre os investimentos na área da educação apontam que das 150 nações analisadas, apenas 41 atingiram a meta de aplicar em educação 6% ou mais de seu Produto Interno Bruto (PIB). O Brasil é um dos países que alcançaram a meta, entretanto, é preciso destacar que o nosso gasto anual por aluno da educação básica é de cerca de R$ 5 mil, enquanto em outros países, esse valor é três vezes maior. Além disso, os dados apontam a falta de atrativos nas aulas e de treinamento adequado dos professores como justificativas para o desinteresse dos alunos pela leitura.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por exemplo, ao abordarem o compromisso da escola com um projeto educativo de democratização social e cultural, atribuindo a ela a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos(as) o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, afirmam que é necessário considerar o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos, de acordo com os PCN, a aptidão para ler e produzir textos – dos mais variados gêneros e temas – com proficiência é o mais significativo indicador de um bom desempenho linguístico e, consequentemente, de letramento.

Afirma-se, ainda, que um escritor competente dever saber selecionar o gênero apropriado aos seus objetivos e à circunstância em que realizará seu discurso. Conceito bastante polêmico, o letramento tem, na linha dos documentos governamentais, quem o defenda como parâmetro a ser tomado para avaliar o quanto de trabalho há de ser feito pela escola com cada estudante; há autores que tomam o conceito para criticar as reduções e relações de poder que a escola pode realizar em torno da língua escrita, anunciando outras possibilidades de trabalho; e há quem apenas denuncia o estabelecimento da cultura letrada como parâmetro social, como estratégia de desqualificação, de subjugo, de dominação das culturas iletradas.

São contribuições importantes para se pensar e aplicar nas escolas, a perspectiva da leitura dialógica, que apresentaremos na sequência, além de levar em conta tais preocupações, oferece ferramentas efetivas para lidar com os elementos que são objetos da denúncia ou do anúncio que o letramento faz.

É comum ouvirmos nos relatos dos profissionais que atuam nas escolas públicas que

as condições do ambiente de trabalho oferecidas aos professores e aos alunos são inadequadas e a infraestrutura é de péssima qualidade. Professores dizem que é difícil desenvolver um trabalho de excelência, sem os recursos necessários, pois faltam materiais didáticos para a realização das atividades.

Nunes et al. (2012: 15), afirma que é preciso que os professores leiam para seus alunos e que tenham disponibilidade para realizar uma leitura diversificada, pois "precisa-se sempre de incentivos e diversificação de livros, revistas, textos, histórias infantis, para chamar a atenção do aluno, para despertar a curiosidade e desenvolver o gosto pela leitura.

Além disso, muitos educadores não têm formação adequada para trabalhar com o público infantil. Isso mostra que precisamos avançar em diversos aspectos em relação à educação, afinal, ser um profissional da educação requer habilidades e competências adquiridas na formação inicial e, com certeza, na atuação docente e na formação continuada (NUNES et al, 2012).

Independente dos livros serem didáticos utilizados nas escolas, ou terem conteúdos voltados para o lazer, eles sempre estarão voltados para o desenvolvimento do conhecimento, pois a leitura, como já referido antes, ajuda-nos a descobrir outros lugares, tempos, jeito de agir e de ser, ética e cidadania, ou seja, é aprender História, Geografia, Sociologia, Filosofia, e outros, de diversas formas, sem estar em uma sala de aula.

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política (NUNES 1994).

A leitura pode estar voltada para algum tipo de estudo, geralmente cobrada em salas de aulas, com o objetivo de transmitir algum conhecimento específico, fazendo com que o aluno apenas recorra à leitura quando necessário ou solicitado, mas nem sempre por interesse. No entanto, o leitor que sabe apreciar uma leitura, aprende a interpretar, a compreender melhor, e a dominar os mais variados assuntos. Então, podemos também reforçar que há aqueles que têm o hábito de ler por prazer, desenvolvendo a imaginação, enriquecendo o vocabulário, envolvendo linguagens diferenciadas e afins; e há o gosto pela leitura priorizando a informação, envolvendo leituras de artigos científicos, textos informativos, didáticos, mas esses três tipos de leitura nem sempre se referem à três tipos de leitores, mas tão somente ao fato da importância de se adquirir e resgatar esse antigo hábito.

Sobre isso, Magda Soares (2016) defende que pode haver vários métodos que funcionem ao mesmo tempo, estes métodos por sua vez devem ser utilizados para ajudar a criança compreender a escrita e a leitura conforme o seu conceito, dessa forma a autora aponta que: Se método é caminho, em direção à criança alfabetizada, e se, para trilhar um caminho, é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, alfabetizadores (as) dependem do conhecimento dos caminhos da criança – dos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita – para orientar seus próprios passos e os passos das crianças.

A questão dos diferentes métodos de alfabetização nos mostra que é necessário alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização, o que se diferencia fundamentalmente de alfabetizar trilhando caminhos predeterminados por convencionais métodos de alfabetização, o professor precisa compreender os processos que envolvem o desenvolvimento e a aprendizagem da leitura e da escrita e, dessa forma, saberá qual a melhor forma de acolher a criança.

A leitura no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação, sem contar os conhecimentos mil que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos como a literatura policial, a literatura infantil ou infanto-juvenil, a literatura fantástica, a literatura clássica, além dos artigos políticos, econômicos, sociais e culturais encontrados nos jornais e em outros veículos de informação impressa, com o passar dos tempos, está cada vez mais precário o hábito da leitura entre os brasileiros. Sabemos que todo conhecimento acadêmico da humanidade

está nos livros, sejam eles concretos ou virtuais, mas são através deles que sabemos, que aprendemos, que crescemos em conhecimento. As justificativas são as mais variadas: falta de tempo, falta de recursos para a aquisição de livros, falta motivação e estímulo, falta de interesse e muitos outras. Uma das mais preocupantes é a falta de acesso aos livros, como acontece em lugares de comunidades de baixa renda, que sequer tem o alimento em suas mesas (quando têm mesas), muito mais ter livros, mas fora essa questão social e política destaquem que a grande maioria da população não tem o hábito da leitura.

Mas, ninguém se torna um leitor da noite para o dia. Há de se considerar que uma pessoa que vem de uma família sem esses hábitos, dificilmente despertará o interesse pela leitura, já que cresceu sem ver em seu convívio, leitores ou até mesmo sem ter livros ou materiais de leitura em sua casa. Uma escola sem estrutura física, sem profissionais interessados ou planejamentos voltados para a formação de leitores, também reduz o incentivo de se ler, em que leitura associa-se apenas à livros disponibilizados para estudos, com o único objetivo de fazer atividades ou trabalhos escolares. Assim, esquecem que ler é importante e contribui ricamente para a formação de cidadãos.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é, no Brasil, o “Retratos da Leitura no Brasil”, é a maior pesquisa sobre hábitos de ler no país, sendo uma iniciativa do Instituto Pró Livro dentro de uma ação do PNLL, Plano Nacional de Livro e Leitura. Em uma das suas recentes pesquisas, constatou-se que os exemplos familiares e círculos sociais ainda são os maiores influenciadores na formação da imagem que o leitor médio brasileiro tem do livro e da leitura como ferramenta eficiente para a mudança de vida das pessoas.

Mas, a escola não fica muito atrás desses índices, e deve se atentar com essa responsabilidade sobre estimular seus alunos a ler. Na verdade, a grande maioria dos brasileiros não lê porque na escola não o ensinaram a ler, no sentido mais profundo da palavra, ou seja, apreender o que está escrito, refletir, questionar, "viajar" com um texto. A indústria da educação brasileira ensina apenas para o aluno passar no vestibular. A formação humanística, a compreensão do mundo através de sua história, não está em questão.

No entanto, há muitos caminhos a serem percorridos para esse quadro mude. Conscientizar, motivar, estimular, facilitar o acesso a livros, iniciativas sociais e educacionais, e enfim, há todo um processo e interesse que as escolas, principalmente, podem fazer para aumentar o número de leitores em nosso país. Não depende, é claro, somente das escolas, mas também de apoio do governo e de uma participação maior da família em buscar essas mudanças na sociedade.

Quanto aos meios falaremos no decorrer do trabalho e conheceremos um pouco mais sobre qual literatura ler, em especial a literatura brasileira.

Ao abordarmos sobre o hábito de leitura com os alunos do oitavo ano, introduzimos questões referentes ao assunto como já mencionado na metodologia que utilizamos para coleta de dados (COUTINHO, 2003).

Os gibis sempre foram e sempre estarão no gosto pela leitura desde a infância até adultos. São divertidos, distraem a cabeça e é a única leitura que realmente faz qualquer adolescente trocar seu celular, MSN, Play Station, por um gibi que lhe interesse.

Mas, o verdadeiro objetivo era descobrir o hábito da leitura entre nossos adolescentes, e o resultado era esperado, já que envoltos por pura tecnologia, ler livros atualmente nem sempre é hábito, mas obrigação, principalmente se recomendados pela escola, e mais ainda se tratando de literatura brasileira, que muitas vezes é vista como regra de conhecimento para vestibulares ou concursos, os fatos, os fenômenos ou acontecimentos relatados pelo historiador literário ocorreram no passado, mas como seu relator também é um indivíduo historicamente situado, ele constrói sua narração à luz de uma visão comprometida com o tempo e o local da enunciação. Como construção discursiva, a história literária é a narrativização de eventos literários, e como tal ela não pode fugir ao movimento hermenêutico referido.

Podemos dizer que alguém possui letramento literário aquele que não apenas é capaz de ler e compreender textos literários, mas como aquele que aprendeu a gostar de ler obras literárias e a faz por escolha, ou seja, conhece tão bem a literatura literária que adéqua seus textos as suas necessidades, alguém que não apenas seja capaz de ler obras literárias, mas sim deixe a condição de um simples expectador para a condição de leitor literário, ou mais precisamente o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.

O letramento não deve ser considerado apenas como uma habilidade pronta, ou seja, apenas ler uma obra sem perceber o que diz a obra, qual sua fundamentação em que sentido essa obra poderá enriquecer sua vida em termos de conhecimentos entre outros, mas sim tem que haver uma compreensão na qual se deve exigir uma atualização permanente do leitor em relação ao mundo literário.

Segundo Tardif (2014), nesta óptica, a práxis docente deve ser levada em consideração visto que os saberes docentes fazem parte da metodologia em sala de aula de forma crucial, esses saberes referem-se à competência, habilidades, formas de saber-fazer, talento. Segundo o autor, para que haja resultado no fazer pedagógico é necessário que o professor goste de trabalhar com crianças e seja capaz de seduzir a turma. Os saberes abrangem uma grande diversidade de questões, de objetos e problemas.

Para Alçada (2016), uma metodologia diversificada que se construa de estratégias significativas faz com que a prática da leitura por parte do aluno ajude-o a apropriar-se da escrita e compreenda aquilo que lê. a leitura desenvolve as crianças e os adolescentes, possibilitando aprenderem e avançarem no sistema de ensino, facilita a comunicação e adaptação do ambiente que as cerca, ajudando na compreensão do mundo e a si própria.

A leitura literária deve sem sombras de dúvidas ser empregada como possibilidade que poderá se resultar no início de uma grande e prazerosa caminhada com outras leituras, ou seja, leituras não literárias, o leitor letrado possuir habilidades que possa diferenciar uma obra literária de outro texto não literário. Esse processo só se tornara possível a partir da construção do gosto pela leitura, do hábito do aluno, pela leitura não só literária, mas pelos outros textos com características diferentes, o aluno deve sentir se íntimo da leitura para assim permitir que a mesma faça parte da sua vida, que a leitura literária tenha um espaço em seu cotidiano, que esse aluno saiba de alguma forma usá-la.

3.CONCLUSÕES

Como disse um dos nossos grandes escritores brasileiros, Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros”. Uma sociedade que busca formar cidadãos com cultura, deve também investir na formação de leitores. O papel da escola no incentivo à leitura deve ser o de se atentar a não expor as literaturas brasileiras como simples disciplinas que servem apenas para conhecimento educacional dos alunos, referindo-se ao fato de que são obrigados a lerem literaturas clássicas para se preparem para vestibulares. O incentivo não é apenas para a leitura, mas para a valorização da nossa literatura e o quanto ela é rica em cultura, em conhecimento e pode sim proporcionar momentos de entretenimento, tanto quanto literaturas estrangeiras.

A educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado”, considerando que a leitura é um dos pilares da educação urge a necessidade de se reconhecer o papel da escola na formação do leitor, pois é através da leitura que o indivíduo terá acesso a uma enorme gama de informações e conhecimentos que possibilitará a ele interagir na sociedade de forma crítica, autônoma e consciente, exercendo plenamente seu papel de cidadão.

Assim através do questionário utilizado em sala de aula com alunos do ensino fundamental, podemos ter uma base de que nossos adolescentes e pré-adolescentes, buscam novidades nas literaturas, e mesmo aqueles que não se interessam muito por leitura, expõem um pouco de curiosidade sobre o fato de que dependendo do que for sugerido, há uma possibilidade de iniciarem o gosto pela leitura. O mito de que literatura brasileira é maçante, deve ser desmistificado pela própria escola e professores, que podem criar outras formas de estimular a

curiosidade de seus alunos a lerem livros brasileiros, basta divulgar e adequar a leitura ao gosto do leitor.

Para que a escola venha contribuir na formação de pessoas ativas, faz-se necessário que seja aplicada uma pedagogia que valorize a formação humana, propondo às crianças situações de aprendizagem nas quais elas possam se envolver de forma dinâmica e prazerosa. O educador deve sempre procurar estratégias para promover uma aprendizagem que se relacione com a realidade real vivida pelo educando, proporcionando-lhes momentos de sistematização e associação, fazendo com que os recursos utilizados pelos alunos sejam próprios de suas vivências; dessa forma a leitura e a escrita, que anteriormente não lhes faziam nenhum sentido, passam a ter significado, é fundamental partir de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, que está com o mundo e não apenas no mundo, para ocorrer uma mudança de postura é necessário que haja compromisso em querer mudar.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria. Literatura Brasileira, tempos, leitores e leituras. Ed. Moderna, 2005.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBS). Brasília: MEC, 1996.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. 2ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol. I a VI. São Paulo: 2003.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Roberto. O milagre da santa chorona. São Paulo, 1994.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez Ed., 2000.

NUNES, José Horta. Formação do leitor brasileiro: imaginação da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

NUNES, Izonete et al. A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney. In.: Revista eletrônica online. Editora: REFAF –, 2012. RUIZ, J. A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Leitura na escola e na biblioteca. 3ª Ed. São Paulo: Papirus, 1991.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo. Editora Contexto. 2016.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Ana Paulo Corti, Márcia Mendonça Letramento no ensino médio. ed São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TARDIF, Maurice. O ofício de professor – história, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis: Vozes, 2008.

TAKAHASHI, Tadao. (org). Sociedade da Informação no Brasil: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.